

JUVENTUDE GAY NA ZONA RURAL: a dobra como processo de subjetivação

Emerson Martins – UFFS

Rogério Machado Rosa – UFSC

Parece haver uma profunda relação entre as possibilidades da vivência da homossexualidade e o urbano/metropolitano. Eribon (2008) afirmou que “a cidade sempre foi o refúgio dos homossexuais” (p. 31). A partir da metade do século XX, a concentração de homossexuais em espaços urbanos expressa uma prática histórica, destacando-se que, à época, a visibilidade e a proteção/segurança dos homossexuais passou a ser uma bandeira dos movimentos sexuais e libertários (CASTELLS, 2006). Contemporaneamente, muitos jovens¹ homossexuais não se vinculam ao que aqui chamaremos de “diáspora gay”² (COLETO, 2012).

Nesta direção, apresentaremos neste texto reflexões teóricas e epistemológicas de uma pesquisa³ cartográfica em andamento, sobre os processos de subjetivação e práticas culturais de sujeitos que vivenciam a sexualidade homoerótica em contextos vinculados às atividades no campo ou em áreas não-urbanas, a partir da noção deleuzeana (1989) de dobra como possibilidade política de resistência e de estetização da existência, refletindo sobre: as conexões e linhas de fuga subversivas e/ou rupturas com a hegemonia heteronormativa, evidenciando os relevos de sua marginalidade e o extrapolamento das fronteiras de gênero, sexuais, afetivas, corporais, e, inclusive, as territoriais.

Ao construir essa abordagem, baseamo-nos principalmente em dois estudos sobre gênero e gerações em contextos rurais: No primeiro, aborda-se as mudanças socioculturais nas relações de gênero e intergeracionais no oeste catarinense (RENK, BODALOTTI e WINCKLER, 2010) e, no segundo, a questão da juventude rural, da sexualidade e do próprio gênero em uma perspectiva para se pensar a identidade (PAULO, 2010). Todavia, extrapolamos as contingências daqueles textos, haja vista que estes abordam essas questões a partir de mulheres heterossexuais; ampliamos a lógica

¹ O conceito de juventude é algo bastante controverso e polissêmico nas ciências sociais e humanas, inclua-se aqui a própria Psicologia. Por conta disto, esboça-se brevemente como abordaremos essa categoria. A juventude é perpassada por questões etárias e sócio-culturais (significações e sentidos atribuídos a ela por outras gerações e por ela própria) e por situações sociais interdependentes de classes, de práticas culturais, de etnias, das orientações religiosas, da sexualidade e de outros elementos vinculados à subjetividade (GROPPO, 2000).

² A expressão “diáspora gay”, aqui, é inspirada nos estudos culturais de Stuart Hall (2003). Associa-se o termo diáspora à categoria “gay”, visando destacar a migração motivada pelo contexto social e pela sexualidade de homos e bissexuais do sexo masculino do campo ao urbano. Nesse caso, a diáspora deve ser pensada como a alternativa de não se apegar “a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos - o jogo da semelhança e da diferença - que estão transformando a cultura no mundo inteiro” (HALL, 2003, p. 47).

³ A pesquisa em questão origina-se da parceria entre dois integrantes de instituições de ensino superior diferentes. A temática se torna coincidente a partir da participação em um mesmo núcleo de pesquisa que discute violências, gênero, sexualidade e educação. Ressalta-se que um dos pesquisadores encontra-se em região não-urbana e o outro no contexto urbano. Estas trajetórias favoreceram às reflexões, de modo a torná-las objetos de investigação, favorecendo, entre outros, a tessitura deste texto.

destes estudos, por licença poética, e, principalmente, por intuirmos que há verossimilhanças, mesmo que tênues e, certamente, elementos bastante distintos entre aquelas mulheres e os homossexuais que vivem no campo. Em nossos estudos prévios, temos encontrado subjetividades múltiplas, inovadoras, criadoras, voláteis, heterogêneas, instáveis, momentâneas. O que nos tem levado a problematizar o lugar da performatividade, no que concerne às reiterações ritualísticas constituídas por meio das dimensões da linguagem, da cultura e do simbólico, pensando o corpo e os processos que nele atuam (BUTLER, 2005).

Para refletir sobre estes processos, lançamos uso do conceito deleuziano (1989) de dobra, no qual o sujeito também se constitui no encontro com aquilo que não está nem para o exterior e nem para o interior; diferentemente da visão cartesiana dicotômica, na qual se propõe uma noção de sujeito como cognoscente, racional, antropocêntrico, essencializado. O sujeito encontra na dobra “a categoria do possível”; pois, ela, a dobra, é uma imagem que “faz referência a processos, relações de movimentos e descansos, capacidade de afectar e ser afectado, definindo, pois, modos de individuação que não correspondem a um sujeito [cartesiano], e, que, por isso, não precisam de recursos e metateorias psicológicas e lingüísticas (DOMÉNECH, TIRADO & GÓMES, 2001, p. 123). Em nosso estudo, percebe-se que os jovens homossexuais ensaiam movimentos de resistências às identificações hegemônicas, especialmente, nas referências de gênero e sexualidade, levando-nos a aferir, provisoriamente, que há uma prática política de afirmação da diferença.

Segundo Rosa (2009), Deleuze buscou uma genealogia da subjetividade, demonstrando

que a geração da subjetividade não se reduz à demarcação de um limite para o eu. Diferentemente disso, para o filósofo, a subjetividade é efeito de uma função ou operação que sempre produz exterioridade desse “eu” e não o seu enclausuramento. [...] Deleuze substitui a lógica do ser pela lógica da conjunção, substitui o “é” pelo “e”, que relaciona a identidade pela multiplicidade. E o sujeito seria, portanto, um espaço de conexão ou de montagem, contínua pré-posição, uma dobra do exterior (p. 80).

No ocidente, a sexualidade é perpassada por um intenso caráter heteronormativo - no sentido atribuído por Butler (2003) - e, por conseguinte, sexualidades “desviantes”, dobradas, são marcadas pela dissimulação e possível migração para lugares mais cosmopolitas na busca por “um mundo de estranhos. O que permite preservar o anonimato e, portanto, a liberdade, no lugar das pressões sufocantes das redes de entreconhecimento que caracterizam a vida nas cidades pequenas” (ERIBON, 2008, p. 34). Evidentemente, nas cidades pequenas e no campo, estas vivências também são estabelecidas e redes⁴ são criadas distintamente dos territórios urbanos, e potencializadas com a

⁴ O registro e estudo dessas redes, em princípio, são dificultados pelo próprio hiato de disponibilidade de literatura e “invisibilidade” derivada do contexto ultrarrepresor e conservador, presente nas regiões do campo e/ou não urbana (ERIBON, 2008). Sabe-se que as redes sociais estruturam-se por um conjunto de relações consideradas importantes

emergência da cibercultura⁵ (ERIBON, 2008).

Ao pensarmos a homossexualidade de jovens no campo ou em áreas não-urbanas, remetemo-nos ao conceito de gênero, categoria que tem sido proposta, nas palavras de Butler (2003), para além da organização simples em torno da anatomia sexual, relacionando-o mais propriamente a um efeito dos atos de fala disponíveis⁶, os quais são modificados historicamente, produzindo uma diferenciação relacional entre o psíquico e o social. Assim,

a subjetividade procura o signo de sua existência fora de si mesma, num discurso ao mesmo tempo dominante e indiferente. Como estas categorias sociais são as que supostamente garantem a existência subjetiva, a submissão parece ser o preço a pagar por elas. À medida que uma verdadeira escolha é aparentemente impossível, tendemos a perseguir a subordinação como promessa de existência a ser conferida por um outro diante do qual já nos sentimos primariamente vulneráveis (PEIXOTO JUNIOR, 2004, p.25).

À suíte, entendemos gênero como o resultado de práticas culturais e processos de subjetivação, produzidos pela repetição de normas sociais rígidas, presentes tanto no público quanto no privado, que se apresentam como reais, naturais, binárias e hierarquizadas, produzindo certa violência⁷ sobre os corpos, além, de realizar, estabelecer, criar e recriar, e, eventualmente [na dobra], subverter essas relações de poder (BUTLER, 2003). São violências que visam cercear o movimento criativo do outro, o qual, por vezes, é mantido sob o controle e a vontade de alguém. Todavia, observamos nas práticas dos jovens gays na zona rural: a potencialização de si por meio de resistências e rupturas com as práticas culturais heteronormatizantes; e a possibilidade de instituição de movimentos de reinvenção de si: dobrar, desdobrar, redobrar (Deleuze, 1989).

Para nós, o corpo é o palco dessas violências. Ao referirmo-nos à categoria “corpo”, intuímos superar as dicotomias racionalistas e estruturalistas, historicamente presentes nesta definição. Pensamos o corpo como construção/expressão/variação subjetiva e objetiva das práticas sócio-histórico-econômico-culturais, dos biopoderes (Foucault, 2004), do discursivo, do biológico, do psíquico e da cognição. Lima e Rosa (2011, p. 04) reiteram esta assertiva afirmando que:

para um determinado sujeito na promoção de bem-estar em momentos adversos, podendo ser compostas por familiares, vizinhos, amigos, profissionais acessados, entre outros, que apresentam a capacidade **de oferecer apoio tão efetivo** como duradouro, bem como o sentimento de competência ao enfrentamento do problema (Moré, 2005; Orlandi, 2011)

⁵ “A globalização intensificou as redes de comunicação através de inovações tecnológicas, o que tem sido de fundamental importância para a ação de grupos e sujeitos descontentes com sua dinâmica. A internet é um mapa aberto, conectando pontos, multiplicando entradas e saídas, colagens e perambulações” (OLIVEIRA, 2008, p. 63).

⁶ Os atos de fala operam sobre o gênero e articulam elementos como classe, raça, idade, prática e orientação sexual e outros. Não se pode reduzir a linguagem a sua instrumentalidade ou ao seu contexto simples, ou mesmo imaginar que se pode apreender a sua totalidade; neste caso, os atos de fala agem, operam, exigindo um corpo (PINTO, 2007).

⁷ As violências são um fenômeno complexo, multifacetado e polissêmico, tornando qualquer tentativa de categorização de sua trama limitada. Uma infinidade de efeitos podem ser provocados em quem é afetado pelas violências, as quais se manifestam de várias maneiras (simbólica, estrutural, física, psicológica, sexual, tráfico de pessoas, exploração do trabalho, negligência), por diferentes atores (Estado, des/conhecidos, familiares, amigos, vizinhos, mídia), fatores (gênero, classe, etnia, geração, grupo de pertença, religião) e lugares (casa, rua, escola, igreja, urbano, rural) (ARAÚJO, 2002).

o corpo é lugar do acontecimento. É o lugar onde a vida ganha vida, é também lugar onde a morte se materializa. O corpo nasce desse imbricamento [dobra] entre natureza e cultura. Ele é puro movimento, e, numa visão mais pessimista, é possível dizer que seu movimento o conduz para seu próprio fim. Todavia, o corpo torna-se o que é no intervalo existente entre seu início e seu fim. O intervalo é o lugar mais fixo que ele pode habitar [...] Com efeito, a materialidade do corpo também marcada por divisores étnicos, de classe social, de gênero e sexualidade [...] processos indissociáveis e simultâneos que conferem ao corpo um caráter plástico, móvel e plural.

Há uma “desterritorialização” do corpo, que se insurge contra tecnologias de normalização, produzindo resistência. Neste sentido, essa política se opõe às visões naturalistas e estruturalistas, feministas ou não, às práticas paritárias ou de reconhecimento das diferenças, propondo a integração, extrapolando as questões sexuais e tornando as diferenças em uma transversalidade de relações de poder (PRECIADO, 2011).

Neste sentido, ao problematizar-se o gênero, percebe-se que, histórica e epistemologicamente, o sexo, as práticas culturais, a orientação do desejo⁸, os processos de subjetivação, o corpo e o próprio gênero estão conformados numa heterossexualidade compulsória, a qual estabelece uma normatividade que configura e impõe exclusivamente a possibilidade de “identidades” estáticas, fixas e previsíveis, nas quais o sexo suscita o gênero, e/ou o sexo e gênero produzem práticas de desejo, excluindo tacitamente outras possibilidades, as quais são, não raramente, patologizadas, criminalizadas, “corrigidas” cirurgicamente e tantas outras punições (TONELI, 2008).

Não obstante, há transgressões e resistências instauradas por determinados sujeitos na experimentação de suas sexualidades e das relações que, processualmente, são estabelecidas frente ao modelo heteronormativo e ao assujeitamento. Este último possui inúmeras dimensões, as quais não estão separadas/dicotomizadas, aqui, destacamos a corpórea e a subjetiva, às quais são/estão sempre referenciadas a partir da heterossexualidade compulsória (MISKOLCI, 2006). Neste sentido, há uma resistência/transgressão como uma zona autônoma temporária (BEY, 2001), uma dobra (Deleuze, 1989), por assim dizer, na qual os biopoderes (Foucault, 2004), são suspensos momentaneamente, produzindo mudanças no sujeito, fazendo com que experimentem novas formas de ação política e novas bases sociais comunitárias. Desta maneira, articula-se

⁸ Há um projeto normativo para o processo de subjetivação que assujeita à exterioridade (cultura hegemônica, entre outros) ou ao biológico (definição do sexo, associado às genitálias) o lugar e o papel do próprio desejo. Produz-se, dessa forma, uma hegemonia heteronormativa, hierarquizante, por meio da repetição de significados e significantes - no sentido dado por Saussure (1996), salvaguardando as críticas ao estruturalismo, em especial, a de Derrida (2004) - que institui a orientação do desejo ao sexo oposto (Butler, 2003). Todavia, interessa-nos refletir a orientação do desejo em termos desviantes e sua relação com as variações das performances de gênero, especialmente, no que concerne à heterossexualidade compulsória.

a existência de forma imediata numa modalidade de nomadismo em que se perambula de revolta em revolta. As novas formas de organização e ação baseadas na participação, na igualdade, no respeito às diferenças, na alegria e no desejo já anunciam o que se busca. A ênfase na ação direta como fim, e não como meio, traz implícita essa ideia do processo como agente transformador (OLIVEIRA, 2008, P.63).

Ortega (1999) propõe, a partir de Foucault, a resistência como estética de existência. Para Oliveira (2008), tal resistência produz um processo cultural, que alargando a expressão das diferenças, potencializa a vida como fluída, dinâmica, mutável, híbrida, vinculada ao devir e com fronteiras borradas e atuantes na dobra; apresentando-se como temática vigorosamente inspiradora, possibilitando excursionar e incursionar os processos de subjetivação e os sentidos atribuídos a essas práticas culturais, a esses modos de ser e de existir. As possibilidades de um corpo assumidamente ou atribuído homossexual transgride e escapa aos códigos que demarcam o corpo masculino hegemônico.

É no avanço em direção a noção de dobra como processo de subjetivação (DOMÈNECH, TIRADO & GÓMES, 2001, p. 129) que corpos diferentes são possíveis, cultural e politicamente, inclusive, produzindo dialogicamente redobras e desdobras, instaurando uma metamorfose permanente. Essa noção de dobra como espaço de produção de inéditos nos permite vislumbrar que as identidades dos sujeitos, na norma ou desviantes, são produtos em aberto e desprovidos de uma essência ou de uma interioridade. De alguma forma, os corpos desviantes se apropriam desses espaços criados pela dobra para resistir e romper com o sujeito essencializado e interiorizado de forma absoluta, criando, transbordando, e, claro, também repetindo a norma e a heteronormatividade (DOMÈNECH, TIRADO & GÓMES, 2001).

O conceito de dobra como categoria do possível nos permite pensar os corpos desviantes e mais especificamente os jovens gays na zona rural como modos de subversão de si e das normas de subjetivação designados pelas políticas normativas, possibilitando impulsos à afirmação do caráter político do corpo-masculino-outro e reivindicando outras sensibilidades (ROSA, 2009). Como afirma Deleuze (1996), os sujeitos buscam “construir uma região no plano, acrescentar uma região às existentes, explorar uma nova região, preencher um vazio” (p. 234). E são justamente esses relevos que buscamos cartografar em nossa pesquisa.

Neste contexto, a cartografia dessas práticas culturais e dos sentidos atribuídos por jovens desviantes da masculinidade hegemônica, que desejam e são possuidores de certas imagens e compreensões de si mesmos, contribuirá sobremaneira na compreensão da pluralidade sexual, da(s) própria(s) masculinidade(s) e da(s) corporeidade(s). Não obstante, estas breves considerações, lançam-nos a um universo de questionamentos: como estes sujeitos buscam “a errância, o deserto, o

exílio, o fora. Como conquistam a própria perda, a dispersão anônima e indefinida num tempo”⁹ (PELBART, 2005, p. 288) e como escapam à unidade petrificada e violenta de um mundo heteronormatizado? A que violências estão submetidos esses corpos que colocam em suspeição as normas regulatórias e a hegemonia heterossexual e que deslocam sexo, desejo e o próprio gênero? Que estratégias esses jovens homossexuais utilizam para não serem reduzidos ao uno ou ao múltiplo e indefinido, instituindo diferentes e novos planos discursivos para o corpo? Como esses sujeitos subjetivam a dúvida, apresentada por Blanchot, de nunca sabermos “se estamos presos dentro da experiência cotidiana e nos voltamos desesperadamente para fora dela ou se dela estamos excluídos e por isso em vão buscamos sólidos pontos de apoio” (1959, p. 17)? Todavia, por razões tácitas, não temos a pretensão de responder a essas perguntas como questões separadas ou mesmo em sua totalidade.

Mapeando os processos de subjetivação: a cartografia como método e procedimento

O recorte geográfico desta pesquisa se encontra vinculado às regiões onde se instalou a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), uma das novas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), que possui cinco campi, situados nas seguintes mesorregiões: sudoeste paranaense (Realeza e Laranjeiras do Sul), oeste catarinense (Chapecó), e noroeste riograndense (Erechim e Cerro Largo). Essas regiões são formadas em sua grande parte por pequenas cidades baseadas na agricultura, tanto familiar como latifundiária, com populações que variam, em sua maioria, entre 5 mil a 30 mil pessoas, exceção às cidades polos, como Chapecó (aprox.180.000 habitantes) e Erechim (aprox. De 100.000). Em grande parte foram colonizadas por descendentes de italianos e alemães ou gaúchos imigrados (destaque ao Paraná), com viés político conservador e bastante ligados às religiões cristãs (UFFS, 2012).

Em termos metodológicos, elegemos a pesquisa cartográfica (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010; ROLNIK, 1989), pois entendemos que ela nos possibilita a intensificação da aproximação com as dimensões subjetivas e com a produção de práticas culturais dos jovens homossexuais moradores de regiões do campo. A cartografia é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo-se à topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa. O método cartográfico procura capturar intensidades disponíveis ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno e à implicação do sujeito percebido no mundo e do mundo cartografado (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010).

⁹ A partir de Pelbart (2005), destacamos também o movimento de dessubjetivação e de fuga, a busca por mundos fora do próprio mundo em que habitam; esses mundos fora são produzidos dentro de uma mesma territorialidade.

Assim, como a etnografia, a pesquisa cartográfica também se acerca da descrição densa e da compreensão que um acontecimento é uma “multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas” (GEERTZ, 1989, p. 07), e que, ao exemplo do etnógrafo, o cartógrafo precisa primeiro apreender para depois apresentar. Ainda, analogamente à etnografia, a cartografia possibilita que os “investigados” possam instaurar, no pesquisador, um estado de alteridade, que consiste em torná-lo estrangeiro de si mesmo, possibilitando-lhe experimentar-se em novos espaços e modos de existência. O cartógrafo se sabe integrante da investigação, testemunha de seu próprio movimento de conhecer. Então, há que se contar com as descobertas e as estratégias de investigação a cada encontro com o campo e, nesse sentido, o cartógrafo não se pretende neutro, quer-se justamente desimpedido pelo encontro com o mundo por meio da pesquisa. Neste sentido, cartógrafo e cartografados nascem juntos e percorrem a vida de modo inseparável na criação de problemas, na experimentação das perdas que o conhecimento impõe (ROLNIK, 1989), envolvendo seus corpos nas fronteiras de suas possibilidades de pesquisar, agregando-se daqueles contextos.

A cartografia se configura como um método de pesquisa-intervenção, pois reconhece a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador. O cartógrafo possui gestos peculiares: ele rastreia, toca, pausa e reconhece com atenção. Diferentemente, dos métodos tradicionais que focam na representação dos objetos de pesquisa, a cartografia centra-se nos processos, derivando daí a noção de plano coletivo de forças que produzem o que é denominado de formas, objetos ou sujeitos. Cabe ao cartógrafo a prática de desenhar este plano. Todavia, não se deve imaginar que neste método se propõe o subjetivismo do pesquisador e tampouco o objetivismo positivista; destacamos aqui a imersão nos territórios e em seus signos como movimento para dirimir este dilema, na dobra.

Não obstante, o projeto metodológico da cartografia exige também uma transformação nas práticas narrativas, desconstruindo noção de estados fixos, de interpretação, de naturalização, de centralização de uma perspectiva identitária ou pessoal; pois, a cartografia acompanha processos, propõe intervenção na realidade, dissolve o ponto de vista do observador (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010)

Nesta pesquisa, estamos vislumbrando um mosaico de impressões, cujas metas, objetivos e intensidade dos formatos e cores, serão alcançados por meio do que continuaremos a observar, vivenciar, apreender ao longo do nosso estar, literalmente, no campo. Nossa “observação participante” tem contado com registros em “*diário de campo*” (FONSECA, 1999, p. 66), os quais

são compõe o método cartográfico, juntamente com entrevistas, conversas informais, participação de eventos públicos e privados, imersão nas comunidades/territórios e encontros com os jovens homossexuais que vivem no campo ou regiões não-urbanas; e compartilham conosco este mapeamento/viagem, destacando seus processos de subjetivação e práticas culturais por meio de suas narrativas/histórias de vida.

À guisa das considerações finais: prospecções

Essas primeiras reflexões nos tem proporcionado a efetivação da produção de um conhecimento ético e politicamente engajado, que expressa possibilidades de mudança de si e do mundo, levando em consideração questões históricas, estéticas, econômicas, técnicas, ambientais, geracionais, de gênero e sexualidade, cognitivas, culturais e psíquicas. Ou seja, conhecer e compreender como sujeitos são/estão cada vez mais excluídos no interior - parafraseando Bourdieu (1990) -, possibilitando que problematizemos os discursos de diversidade sexual e tolerância, os quais escamoteiam, iludem e violentam de inúmeras formas os corpos desviantes, produzindo pessoas abjetas e fadadas ao silêncio, desconsiderando as singularidades e diferenças nas subjetividades.

As dobras são espaços para onde nos retiramos, mesmo que por um lapso de tempo, tocados pela intensidade e fulgor produzido no encontro com o outro. São lugares e superfícies fora dos lugares e superfícies comuns. A dobra é um espaço de conexão da nossa linguagem com a linguagem do outro. Fora dela não há diferença. Não há diferenciação. Ela é a fronteira de todo território. De todo idioma. De toda morada. É, portanto, uma zona de passagem. O lugar onde nos tornamos estrangeiros. As formas que ela produz são sempre resultantes das forças do acaso e nunca das combinações excludentes ou hierarquizantes.

“Contudo, não há dobra sem o outro ou sem objetos. Isso equivale a dizer que não se produzem diferenças no vazio ou na renúncia, pois a dobra mínima, espaço privilegiado para a passagem da vida, faz-se na relação com o outro e com tudo que está no mundo” (ROSA, 2009, p. 83). Justamente por isso, o encontro com o outro é potente na possibilidade da (des)construção e transversalização dos códigos éticos, da noção de estética, de prazer, de saúde, das relações de gênero e da sexualidade. As dobras nos oferecem linhas de fuga aos dispositivos heteronormativos. E nesse sentido também argumentam Domènech, Tirado & Gómes (2001):

A dobra serve para nos deslocar, das anatomias mentais imaginárias e lingüísticas fabricadas por nossas ciências sociais, para um universo de fluxos ou linhas de

forças geradas nas conexões entre órgãos e objetos ou artefatos, entre seres humanos e espaços, entre sujeitos e escolas ou oficinas, entre instituições e afetos. A “subjetividade-corporizante” compreendida como dobra é um processo de agrupação, de agregação, de composição, de disposição ou agenciamento ou arrançamento, de concreção sempre relativa do heterogêneo: de corpos, vocabulários, inscrições, práticas, juízos, técnicas, objetos... Que nos acompanham e determinam. Na subjetivação, prevaleça - relativamente a qualquer objeto total e acabado, evidente, manifesto, - a parte molecular, fragmentada, incerta, rompendo, assim, velhas dicotomias articuladoras que negam a multiplicidade e as diferenças que delas brotam em detrimento do ou isso ou aquilo (p.123-124).

Os processos de subjetivação dos jovens gays investigados são e estão imbricados complexamente e transbordam qualquer tentativa de sistema fechado e passivo. Estes processos são espaços de resistências, de lutas, de rupturas, de resignações, de (re)conhecimento, de (in)visibilidade, de violência e pacificações, de dores e de prazeres, que tornam possíveis existências éticas, políticas, de cuidados de si e de subjetivações constituídas nas diferenças.

Acreditamos que a produção do conhecimento engajada com a realidade social compromete-se a congregar pesquisas que privilegiem dar visibilidade e intervir em situações de violências ou de cerceamento das diferenças. Neste sentido, a proposta de cartografar as práticas culturais e os processos de subjetivação de sujeitos considerados desviantes visa desvelar esses processos, além de identificar e ampliar as potencialidades/possibilidades de resistência e de condições outras de existência.

Os riscos e as dificuldades aos/às quais esta pesquisa está submetida potencialmente vinculam-se à sua própria natureza, ou seja, à participação em um estudo que destaca sujeitos considerados desviantes em territórios relativamente restritos, além das questões éticas na coleta de dados e posteriores análises. Portanto, a participação na pesquisa pelos jovens homossexuais que vivem no campo tem sido esclarecida por meio de orientações, da produção de confiança, da vinculação afetiva, de seu auto-convencimento da seriedade e da responsabilidade ética da pesquisa, do sigilo das informações da investigação, da aproximação dos objetivos da pesquisa e da consciência de sua participação voluntária para o processo de produção do conhecimento.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 15, n. 2, Dec. 2000. Disp. <http://www.scielo.br/pdf/se/v15n2/v15n2a06.pdf>, acess on 26 Oct. 2012.

ARAÚJO, M. de F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, 7(2), 3-11, 2002. Disp. em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a02.pdf>, acess. Em 08 de oct. 2012

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: ____NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 218-227.

CNS. **Resoluções 196/96** (Conselho Nacional de Saúde) **disp. em** <http://www.bioetica.ufrgs.br/res19696.htm>, **acess 05 de nov de 2012**

CFP. **Resolução 16/2000**. (Conselho Federal de Psicologia) **Disp. em** http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2000_16.pdf, **acess em 05 de nov de 2012**

BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2001. Coleção Baderna.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003

_____. **Giving an Account of Oneself**. New York: Fordham University Press, 2005.

BLANCHOT, Maurice. **Le livre à venir**. Paris: Gallimard, 1959.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**; tradução de Klauss Brandini Gerhardt. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2). São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

COLETO, H. L. **Cidades gays ou a homossexualidade urbana**. **Disp.** <http://queerandpolitics.Wordpress.com/2011/08/13/cidades-gays-ou-a-homossexualidade-urbana/#more-1305>, **acess 25 de out 2012**.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DELEUZE, G. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3/. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **El pliegue. Leibniz y ele barroco**. Barcelona: Paidós, 1992.

DOMÈNECH, M., TIRADO, F., & GÓMEZ, L. A dobra: psicologia e subjetivação. In.: SILVA, T. T. Da (Org.) **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Estudos Culturais, 7).

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**; trad. Procópio Abreu. RJ: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. “*Os corpos dóceis*”. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a,

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa Etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/fev/mar/abr. 1999, n 10.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GROPPO, Luís A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e História das Juventudes Modernas**. RJ: DIFEL, 2000.

LIMA, P. de M. & ROSA, R. M. O delírio do corpo: derivas das masculinidades. Anais da 34ª Reunião anual da ANPEd. 02 a 05 de outubro de 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/gt23/gt23-88%20int.pdf>. Acessado em 13 de abril de 2012.

- HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. BH: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. RJ: Jorge Zahar Ed., 1999.
- MORÉ, C. L. O. O. & MACEDO, R. S. M. **A Psicologia na comunidade: uma proposta de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- MISKOLCI, Richard. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 14, n. 3, Dec. 2006. Disp. Em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a06v14n3.pdf>, acess. Em 28 Oct. 2012.
- OLIVEIRA, L. **Corpos que escapam: ação cultural como resistência**. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Michel Foucault**. RJ: Graal, 1999.
- ORLANDI, Renata. **O impacto das redes sociais significativas no portador de HIV-AIDS**. Tese (Doutorado Em Psicologia)- Universidade Federal de Santa Catarina. Orient.: M^a A. Crepaldi. 2011.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- PAULO, M^a. De A. L. de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In.: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.) **Gênero e geração em contextos ruais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.
- PEIXOTO JUNIOR, C. A. Sujeição e singularidade nos processos de subjetivação. **Ágora**. RJ, v. 7, n. 1, Jan. 2004. disp. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982004000100002>, access on 28/10/12
- PELBART, Peter Pál. **Leitura e Leitura**. Ih: RAGO, Margareth, ORLANDINI, Luiz B. Lacerda, VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. RJ: DP&A, 2005.
- PINTO, J. P. **Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades**. **DELTA**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2007. Available from <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502007000100001>. access 29 Oct. 2012.
- PRECIADO, B. **Multidões Queer: notas para uma política dos “anormais”**. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.
- ROSA, R. M. **Corpos híbridos na docência: experiências, narrativas de si e (des) construção das masculinidades no magistério**. (Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação pelo curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC). Orientadora: Prof^a. Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive. FLORIANÓPOLIS (SC). 2009
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. SP: Est. Liberdade, 1989.
- RENK, A.; BADALOTTI, R. M^a.; WINCKLER, S. Mudanças sócio-culturais nas relações de gênero e inter-geracionais: o caso do campesinato no Oeste Catarinense. In.: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.) **Gênero e geração em contextos ruais**. Ilha de Santa

Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 25a edição. São Paulo: Cultrix, 1996.

TONELI, M^a J. F. Diversidade sexual humana: notas para a discussão no âmbito da psicologia e dos direitos humanos. **Psicol. clin.**, RJ, v.20, n.2,2008 . Disp.

<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a05v20n2.pdf>, access 06 Nov 2012.

UFFS. **Sítio Institucional da Universidade Federal da Fronteira Sul**. 2012. Disp.

www.uffs.edu.br, out. 2012.